

A viagem do presidente ao México

O presidente Fernando Henrique Cardoso está no México para uma visita oficial na qual evitará os temas econômicos e se concentrará, se possível, nos assuntos políticos. Ele se afastará dos temas econômicos porque não se fala em corda em casa de enforcado. O México ainda não superou a crise que o privou de dinheiro e prestígio e não seria de bom-tom insistir em assunto tão delicado. Assessores do presidente informam, no entanto, que o professor Fernando Henrique Cardoso falará confortavelmente sobre a importância da democracia como instrumento de legitimidade e estabilidade. Para alguém tão temeroso de ferir melindres econômicos, não poderia escolher agenda melhor. Afinal, a democracia no México ainda é artigo para consumo externo. Falta muito para que a verdadeira ditadura de partido único que prevalece naquele país se modifique pela probabilidade concreta — possibilidade sempre houve, desde a Revolução, porque não faltaram partidos para coonestar a hegemonia do PRI — de alternância no poder. O fato de o presidente Zedillo ter nomeado procurador-geral um militante de partido de oposição não significa que o poder foi dividido. Significa, antes, que o atual governo tratará com rigor os pecadilhos cometidos pelo ex-presidente Salinas de Gortari e seus familiares. O professor Fernando Henrique sabe disso tudo, até porque conhece o México. Ele terá contatos com os presidentes dos dois

maiores partidos de oposição — assim os consideremos —, bem como concederá audiência especial a Cuauhtemoc Cárdenas, o adversário de Zedillo nas eleições presidenciais. O presidente Fernando Henrique Cardoso, dessa forma, estará falando de corda em casa de enforcado.

Esta é a 18ª viagem do chefe do Executivo, sempre muito preocupado em realizar “visitas políticas”. Ora, o que dá caráter político a uma missão presidencial não é o fato de não ser ela coroada

pela assinatura de acordos econômicos. É a natureza “política” da agenda das conversações mantidas com o chefe de governo anfitrião. Se não existir tal agenda política, a visita será de mera cortesia, pagamento de obrigação cerimonial, exercício de boa vizinhança.

É isso o que intriga nas viagens do sr. Fernando Henrique Cardoso. Há uma insistência em apontá-las como políticas, apenas igual à habilidade com que se evita revelar a agenda política de que se ocuparia o presidente. Sempre é possível que a agenda se resume a dois temas: a candidatura do Brasil a cadeira permanente no Conselho de Segurança da ONU e o controle dos fluxos de investimento de curtíssimo prazo por algum organismo internacional. São temas que sem dúvida merecem



ser tratados. Mas dentro da perspectiva correta: sua concreção está suficientemente distante no tempo e por isso apenas os dois temas não bastam para recheiar uma agenda política. Essa reclama itens imediatamente mais substantivos, que provoquem ação e reação comuns com o interlocutor.

Resta também saber por que o chefe do governo brasileiro não quer discutir questões comerciais com o chefe do governo mexicano. Há de ser razões muito

graves para fazer com que os representantes dos dois maiores países da América Latina tratem de tudo, menos de economia e comércio. Claro está que o México está alinhado ao Nafta e o Brasil pertence ao Mercosul. Mas nem por isso os dois países deixaram de manter o comércio bilateral, que tem espaço para superar a barreira do bilhão de dólares na qual estagnou. Vale dizer, embora pertençam a diferentes áreas de comércio, os dois países têm interesses e pontos de contato que podem ser satisfeitos sem que os respectivos acordos regionais sejam afetados. Se o governo brasileiro estiver esperando por negociações conjuntas entre o Mercosul e o México, poderá desperdiçar excelentes oportunidades de ampliar o comércio bilateral. Da mesma forma,

não será sensato depender exclusivamente de eventuais negociações entre Mercosul e Nafta para explorar todo o potencial do comércio entre Brasil e México. Há, repetimos, suficiente espaço de manobra nos interstícios de um bloco comercial e outro.

Mas também é verdade que o setor automobilístico mexicano, responsável por 22% das exportações daquele país para o Brasil, está descontente com o regime automotivo fixado

por Brasília. O México foi um dos países que representaram contra o regime automotivo do Brasil perante a Organização Mundial de Comércio e os empresários mexicanos vêm insistindo em negociar acordo

O presidente evitou temas econômicos, mas só isso não caracteriza uma visita “política”

bilateral que supere o rigor da atual política brasileira, que preserva reservas cambiais e beneficia as indústrias do Mercosul.

Visitas de reconhecimento, boa vizinhança e aproximação não são de todo inúteis. Melhor seria, no entanto, que as viagens do presidente do Brasil, quando não forem precedidas de negociações econômicas e comerciais, atendam a uma agenda política substantiva, que de fato abra caminho para realizações práticas e não se restrinja a ganhos retóricos.